

Entrevista de César Muñoz ao jornal O Povo



PÁGINAS AZUIS

CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Participação desde a infância

Um dos colaboradores do Orçamento Participativo Criança, da prefeitura de Fortaleza, o educador espanhol César Muñoz ressalta a importância da participação na vida humana e defende o fim da cultura "adultocêntrica"

Ricardo Moura
da Redação

17/07/2006 01:36



*(Foto: Talita
Rocha/Especial para O
POVO)*

O educador social espanhol, César Muñoz, esteve em Fortaleza assessorando os trabalhos do Orçamento Participativo Criança (OP Criança), um projeto que permite que crianças e adolescentes opinem sobre como e onde devem ser investidos os recursos da prefeitura de Fortaleza. A participação é um dos temas centrais de seu trabalho e é vista como base para os direitos humanos. Para Muñoz, ela deve ser exercida desde a infância. O maior entrave para que isso aconteça, contudo, é a cultura "adultocêntrica", que desqualifica qualquer discurso que não seja o do adulto e constrói mentiras necessárias para a sua manutenção. Um exemplo dessa "mentira" estaria na própria formação da palavra infância, que significa "aquele que não fala".

Para superar esta realidade, o pensador espanhol propõe a aplicação da

Pedagogia da Vida Cotidiana, uma metodologia que surge a partir dos momentos triviais do dia-a-dia, que não são levados em conta por uma sociedade que valoriza somente os grandes acontecimentos. A Pedagogia da Vida Cotidiana tenta "a libertação do cotidiano a partir de uma busca de novas leituras", escreve, em um de seus livros.

Muñoz também ressalta o papel das emoções e sentimentos na ação humana. Paixão, sedução e amor são palavras que estão sempre presentes em seu escritos, que, por sua vez, são repletos de referências a livros, filmes e música. "A pedagogia que só se alimenta de pedagogia é morta", afirma.

Em Fortaleza, César Muñoz pôde lidar com várias experiências que servirão para os seus próximos livros. Uma delas é a tradicional brisa da cidade, que para ele é encarada como um símbolo para a vida. "Nunca havia me acontecido de estar em uma cidade onde a brisa é contínua. Eu viajo muito pelo mundo, mas nunca tinha visto uma cidade onde, continuamente, estou sentindo e ouvindo a brisa", disse.

O POVO - Em linhas gerais, o que é a Pedagogia da Vida Cotidiana, desenvolvida pelo senhor?

César Muñoz - A Pedagogia da Vida Cotidiana é uma pedagogia que explica que o ser humano é um ser fundamentalmente cheio de sentimento, que não tem apenas duas linguagens, a falada e a escrita, e sim, linguagens muito mais profundas, que são seus sentimentos, seus pensamentos, sua capacidade de criar e sua bagagem cultural. É uma pedagogia que indica que o espaço de intervenção da pessoa que educa é o cotidiano. Recordo-me que Claus Offe (sociólogo alemão, autor do livro Partidos Políticos e Novos Movimentos Sociais) disse que a vida cotidiana é o lugar onde ocorrem todas as mudanças, todas as alternativas. É uma plataforma interessante, para se investigar, estudar e viver. Eu creio que a vida cotidiana é onde o ser humano se objetiva, se conhece, torna-se consciente de sua capacidade. A minha vida, a sua, a de todos os seres humanos também passa, fundamentalmente, por momentos triviais e latentes do cotidiano. Também passa por momentos de maior paixão, de uma grande viagem, mas, normalmente, a gente não vive diariamente uma grande paixão, uma grande viagem. O problema é que a cultura dominante vende o conceito de trivial como um momento fraco. Quando se diz uma bobagem, o discurso usual diz "não fale trivialidades!" O trivial é conhecido como algo não válido, não útil, mas a pedagogia do trivial é essencial.

OP - Esta repulsa ao trivial faz parte do que a gente conhece como "A Sociedade do Espetáculo"...

César Muñoz - Exatamente. O trivial é o que não se aproveita no

cotidiano da vida. Há processos concretos na vida do ser humano que é viver, educar e participar. Esta pedagogia se configura como um sério jogo de sedução, amor e paixão. Este é o título de um dos meus livros que explica, mais amplamente, o que é esta pedagogia. Ele trata do que se entende por cotidiano, vida cotidiana. E isto se define assim: creio que viver, educar, participar, fazer política, sobretudo, são aspectos muito profundos do ser humano e precisam de um jogo de sedução, amor e paixão. Isso vale para a vida pessoal e profissional.

OP - Em seu livro, o senhor fala bastante deste "sério jogo" de sedução, amor e paixão. Como se "joga" este jogo na vida cotidiana?

César Muñoz - Este jogo se joga primeiro sendo consciente de quem é. A primeira coisa que o ser humano tem é o sentimento. Ser humano, político, educador, psicólogo, professor de escola, pai e mãe de família, o primeiro processo de participação é sua vida: o que faz, sente e pensa. Depois entra outro processo de participação, a que propõe a prefeitura, o Estado, a escola. Em primeiro lugar, temos de seduzir a nós mesmos. Primeiro você tem de amar e se apaixonar por si mesmo. Por este aspecto, apaixona-se, seduz-se e se conhece todo o seu potencial. Um filósofo falou da importância do ser humano conhecer o seu território. O território é a soma dos afetos que fazem com que o ser humano alcance o seu potencial em nível de autoconhecimento, de autocrítica. O ser humano vivo provoca sedução, amor, paixão em torno dele, mas não uma sedução enganosa. Os seres humanos que mais me seduzem são os que me possibilitam a pergunta. Não os que me obrigam a fazer o que querem. Não quero os que querem que eu deseje o que eles desejam, e sim, os que me provocam a pergunta e, a partir daí, deixam-me livre para viver a minha vida. Eu creio que, evidentemente, este é um "sério jogo", no sentido de ser profundíssimo para uma mudança pessoal ou social. Mas, ao mesmo tempo, tem de ter um aspecto de jogo, lúdico, para não deixar a vida aborrecida. Participar e jogar nunca devem ser aborrecidos. Devem ser um jogo. Um jogo democrático e apaixonante. Evidentemente, é muito mais fácil obedecer e depender. Mas, se você quiser viver a vida, tem de assumir este "sério jogo", tem de assumir o risco. Mesmo porque, não há educação, participação e política sem que haja risco.

OP - De que forma o professor, em sua escola, pode adotar esta pedagogia? Por onde ele pode começar?

César Muñoz - Em primeiro lugar, eu sugiro que ele se conheça. Em segundo, que também conheça a cultura dominante e todas as suas mentiras. Em meu livro, explico isso na forma de dois esquemas. O primeiro esquema trata do que a cultura dominante provoca na estrutura mundial. O segundo é a minha alternativa. Uma pessoa, aqui de Fortaleza, do Ceará, que quiser praticar esta pedagogia tem de se conhecer e conhecer a cultura dominante. E dentro dela, conhecer todas

as montagens sutis que, na linguagem do cotidiano, lançam a mensagem à cidadania em geral (crianças, adolescentes, adultos, idoso), especialmente às crianças, como sendo a cidadania mais criativa, mais provocadora de mudanças, como os adultos que organizam este parâmetro são imprescindíveis. O parâmetro do mundo "adultocêntrico", formado pelo homem adulto e, sobretudo, ocidental, depende muito e tem muito cuidado com este imenso poder imprescindível que é fazer crer aos outros que o que não é adulto não é válido, porque tudo o que não é adulto está em uma sala de espera para ser adulto. Esta organização se estrutura em três espaços reguladores de cultura que são: a maioria das famílias, a maioria dos espaços educativos (as escolas, as cidades) e a maioria dos partidos políticos. Não descarto que há famílias interessantes, que educam bem, que há espaços educativos que educam bem e partidos políticos que desejam, realmente, fazer uma política democrática. Na maioria das vezes, contudo, eu creio que isso não acontece. As estruturas reguladoras organizam toda a linguagem que fazem a pessoa ver, de modo geral, que é dependente daqueles que crêem que possuem o saber e o poder, que se apresentam como imprescindíveis: o pai, a mãe, o professor, o político, em torno dos quais se estabelece uma linguagem na qual "você tem um problema e eu a solução". A linguagem social mundial está baseada no problema e na necessidade, que são o cerne da política, da escola e da família. É urgentíssimo que este profissional de Fortaleza fique consciente da grande armadilha que lhe impede de trabalhar diariamente. Ele tem que conhecer quais são as palavras que estão potencializando esta linguagem do "seu problema", "você parado", "você quieto", "eu te protejo". O binômio é "problema-proteção". Temos que mudá-lo pelo "desejo-promoção-participação". O ser humano tem em sua estrutura um potencial e também tem um problema, um conflito, que, se bem trabalhados, são um elemento de crescimento. Você tem, sobretudo, desejo, e tem de uni-lo com "promoção-participação", não com "problema-participação". Eu penso que um ser humano, uma cidade, uma comunidade, um bairro protegidos são uma cidade, um bairro, um ser humano alienados, parados, que se erguem sobre uma obsessão pela proteção. Eu lhe afirmaria que a forma máxima de se proteger a cidade, o bairro é proporcionando e provocando participação.

OP - Como estas mentiras atuam?

César Muñoz - Sobretudo no período da infância, as mentiras são realmente muito graves em seu cotidiano. A própria palavra infância quer dizer, em latim, in falere, aquele que não fala. Mas é evidente que elas falam e falam bem. No entanto, elas não têm plataformas para falar. Os adultos têm sindicatos, partidos políticos, corporações profissionais etc. A infância não tem. Há poucas que tem. O Orçamento Participativo Criança (OP Criança) é uma plataforma concreta de

participação de crianças. Neste momento, em Fortaleza, está havendo também um esforço interessante: a Secretaria da Educação me pediu uma colaboração nestes dias. Está sendo criado um plano de educação e, dentro dele, estão falando dos conselhos escolares. Os conselhos escolares, em nível mundial, em sua maioria, não desejam a participação da criança, que está presente, mas, todavia, desacreditada. Outra mentira, em nível de infância, é a palavra aluno. Aluno quer dizer "aquele não tem luz". Aquele que tem a luz é o professor. Outra mentira gravíssima: dizer que a criança, a adolescência, a juventude do Brasil, de Fortaleza, é o futuro. Mentira. Nada é o futuro se já não é antes o presente. A palavra adolescência é o que adolesce (em espanhol, cair doente), o que lhe falta. A juventude e a infância são momentos de transição. Isto não é mentira. Isto é certo. Acontece que todos nós estamos em transição.

OP - Até mesmo os adultos...

César Muñoz - Todos. Eu mesmo estou em fase de transição. Por que dedicar só esta função ao jovem, de forma mais clara? Você está em transição, o menino, a criança, até que chegue a ser adulto. A cultura diz que somente quando você for adulto, então você será (alguém). Enquanto isso, você não é. É a infância, é o futuro, é só a esperança.

OP - Permanecem sendo o futuro para sempre e nunca o presente...

César Muñoz - Tudo é a linguagem, claro. A mentira organizada na linguagem de cada dia é muito sutil. Isto provoca uma série de não credibilidades. A maioria dos adultos não crê na criança. A segunda não credibilidade é que a criança não crê no adulto. E isto leva a uma muito mais grave: a criança começa a não crer nela. E isto provoca a última não credibilidade, que, eu creio, é a origem de todas: o adulto não crê no adulto. E por isto, por não crer no adulto, há um grande medo de deixar que a criança participe. Há uma escritora francesa, Françoise Dolto, que escreveu A Causa dos Meninos e A Causa dos Adolescentes, que indica muito claramente que, quando a infância, as crianças, a juventude põem-se a participar profundamente, os adultos, os que estão mais próximos (mãe, pai, profissionais que lidam com a infância), em sua maioria, não querem, porque ficam muito nervosos. No livro, isso se explica amplamente. Há duas razões. A primeira é que, quando a infância, a criança, o adolescente, a juventude se põem a participar profundamente, evidenciam que, às vezes, têm mais capacidade que o adulto, em determinados termos. Elas são muito mais criativas, muito mais originais e isto, eu, que venho há anos trabalhando com a infância, descobri com o conceito do DESDE-COM, que é uma síntese da minha pedagogia. É urgente deixar de trabalhar para a infância. Aprendo muitíssimo com a infância. Tenho uma sede de idéias originais, de atitudes, e, em junho de 2006, tenho um exemplo concretíssimo, que evidencia o que estou dizendo. As crianças têm uma capacidade de

entender, de utilizar as novas tecnologias, que os adultos não têm. Para eles isso é mais difícil. A segunda causa é que quando a infância, a criança, o adolescente, a juventude se põem a participar profundamente, o mundo adulto perde uma parcela de poder. É uma parcela de poder que o adulto tem de devolver. É claro que qualquer poder, na ótica do poder, é interessante.

OP - Dentro desse conceito de devolução de poder, o Orçamento Participativo Criança (OP Criança) é um mecanismo que propicia a participação de crianças e adolescentes nas políticas públicas da cidade. Como foi sua colaboração em São Paulo, onde foi desenvolvido um projeto-piloto, em 2003, e como está sendo sua participação aqui em Fortaleza, onde o projeto está sendo implantado este ano?

César Muñoz - Fortaleza, para mim, está em um momento, uma conjuntura, que pode ser histórica, não que já seja. Dependerá de como se trabalhe. Digo que pode ser histórica porque tem em marcha, em funcionamento, três utopias, que, como dizia Paulo Freire (pedagogo brasileiro), são "inérito-viáveis", ou seja, algo que pode ser dito e feito. Se a utopia pode ser dita, ela pode ser viável. Para mim, a mais potente é a OP Criança. Há também o Orçamento Participativo (OP) e o novo Plano de Educação desenvolvido pela Secretaria da Educação (e Assistência Social) no qual estão trabalhando e que pediram a minha contribuição. Estive aqui em duas ocasiões e creio que há desejo e paixão pela questão. Sobretudo, insisto no OP Criança. O OP Criança e o OP, para mim, são dois grandes pré-textos de um grande texto, que é a democracia participativa. O OP Criança é uma plataforma que vai lhe dar a aprendizagem diária da democracia participativa, não a representativa. A criança aprende a escutar, a falar, a negociar, a entrar em consenso. É uma aprendizagem diária na qual ela sente que é provocada, que é acreditada, que é desejada, que tem capacidade, que tem direitos e que tem capacidade para exercê-los. A origem da minha colaboração aqui, no Brasil, começou em São Paulo, a partir de um pedido que me fizeram para fazer a direção pedagógica de uma proposta que apresentei com uma equipe, na Bienal de Arquitetura. Você pode me perguntar: "O que tem a ver a arquitetura com a participação, com a educação?" Eu penso que a pergunta é: "A que nível que tem participado da cidadania, essencialmente a criança?". Da Semana da Infância, do Congresso da Infância... Não. A criança tem capacidade para participar do planejamento e do governo de todas as políticas públicas de sua cidade e de seu país. Um documento publicado em agosto de 2004 pela Prefeitura de São Paulo enumera todas as propostas que mais de um milhão de crianças paulistas apresentaram sobre todas as políticas públicas da cidade. O adulto crê que a criança só pode falar alguma coisa sobre educação e seu tempo livre. Ela pode falar de tudo. E se não sabe, pergunta! Pergunta, informa-se e tenta provocar um resultado. Meu trabalho começou, no Brasil, quando fiz

seis oficinas com arquitetos espanhóis e crianças de favela. E, a partir daí, a prefeitura gostou da minha pedagogia e da metodologia que ela (sócio-educativa, político-participativa) e me chamou para colaborar nas grandes plataformas do OP Criança, que se iniciava naquele momento. Depois fiz intervenções no Fórum Mundial de Educação de São Paulo e no Fórum Social Mundial de Porto Alegre. Minha colaboração sempre tem sido de insistir, explicar, sugerir. Esta pedagogia não vem nunca como um modelo estático e acabado, é uma experiência infinita. Quando vim ao Brasil vim com uma certa prudência, uma vez que o Brasil e sua pedagogia, sua participação, me importam bastante, em especial, a pedagogia de Paulo Freire. Para mim, o Brasil é o país que mais tem cultura participativa no mundo. E agora, aqui, falar de pedagogia e de participação é um risco, um desafio e uma paixão. Em Fortaleza, quando também optaram por fazer esta utopia apaixonante, chamaram-me e aqui estou, colaborando, encantado, escutando muita dessa paixão. E, além disso, Fortaleza tem um elemento natural que se conecta muito com a Pedagogia da Vida Cotidiana. Um dos conceitos que explico é que a vida é como uma brisa que te envolve, mas, às vezes, ela se transforma em vento, e, às vezes, com a paixão, ela se transforma em furacão. Nunca havia me acontecido de estar em uma cidade onde a brisa é contínua. Eu viajo muito pelo mundo, mas nunca tinha visto uma cidade onde, continuamente, estou sentindo e ouvindo a brisa. Este fenômeno é um exemplo muito fácil. Um outro exemplo, é que em Fortaleza vem gente de todo o mundo. Isto é, para mim, a participação cidadã, se busco uma imagem, do que é a participação cidadã, que geralmente é complicada... Apaixonante, mas complicada, arriscada, nunca linear e ascendente. Isto não existe. Avança, mas há retrocessos, conflitos, e isso, para mim, lembra muito uma vez em que estive na Praia do Futuro. Vi uma pessoa subir em uma prancha, velejando a partir do vento, da onda, subindo, descendo. É um exemplo muito patente de risco, de equilíbrio, de como lidar com a brisa, com o vento, de como lidar com a vida. Fortaleza me provocou este exemplo que me servirá para o próximo livro que escreverei.

OP - Que contribuições as crianças e adolescentes de Fortaleza podem dar à cidade, por meio do OP Criança?

César Muñoz - Eu penso que elas vão fazer um momento que pode ser histórico para Fortaleza. Estão nascendo abordagens muito importantes, que podem provocar uma mudança no modo de fazer política. Estou em Fortaleza há muito pouco tempo e já tenho visto exemplos concretos disto. Estive em uma assembléia de delegados crianças. Quando chego a um lugar, tento usar mediações educativas para conectar-me. A mediação pode ser um olhar, uma saudação, um contato físico. Para mim, a técnica essencial desta pedagogia é a pergunta. As pessoas que se dedicam a estudar, a educar, a fazer política, falam muitíssimo, mas perguntam muito pouco e provocam muitos poucos espaços de silêncio,

sobre os quais a boa política, a boa educação são provocadas. Então eu pergunto e perguntando aprendo muito mais que afirmando, que falando. Então perguntei a um menino, Lucas, de oito anos, para que é o OP Criança? Se ele entendia o que era? Se era importante? Ele disse que sim, que era importante "porque Fortaleza precisa de mim e eu preciso de Fortaleza". Foi uma resposta imediata. O menino não pôde pensá-la, ninguém podia ter dito isto a ele. Foi sua resposta. Outro menino, Bruno, de 12 anos, perguntou-me o que eu fazia ali, por que tinha vindo, do que eu falava. Achei interessante. Ao acabar minha intervenção, ele disse "quero que você venha à minha entidade [a Rede OPA, do CEDECA], onde eu organizo os trabalhos". Então eu contestei: "Tenho muitas demandas aqui em Fortaleza, não tenho muito tempo, mas, por coerência com minha pedagogia e metodologia, se uma criança me faz uma demanda, para mim ela é a primeira". Eu falei, "eu garanto que vou lá se você organizar o dia, a hora". Passados cinco dias, eu pensei que Bruno tinha se esquecido. Não se esqueceu. Ele esteve organizando e disse para o Ricardo (Serra, sub-coordenador do OP) qual seria o dia e a hora da visita. Foi uma reunião muito interessante, à qual eu e os companheiros dele fomos e explicamos todo o processo de trabalho. Outra coisa que aprendi. Uma menina de dez anos, delegada do OP Criança, começa a falar. Em dado momento, deixa o microfone e diz "estou nervosa, agora não quero falar". Ela passa a vez para a seguinte e se coloca não no fim da fila, mas no quarto lugar. Primeira observação: um adulto não aceita que alguém se coloque em sua frente. Para a criança não há problema, ela deixa. Segunda coisa que observo: eu nunca vi um adulto, que estivesse nervoso, dizer isto publicamente. Dizer "falo mais tarde". Ela organizou seu espaço-tempo para poder falar. Isto é espontaneidade, isto é o frescor que não têm os adultos, majoritariamente. Podemos aprender muito. Há uma socióloga espanhola, Adela Cortina, que diz que a mudança será feita no Século XXI ou não será. Dada a situação de desencanto, de não credibilidade, tem de haver algum partido político, ou alguma alternativa que não seja um partido político, que provoque algo diferente, não mais do mesmo: discurso, discurso, discurso... Estou realmente preocupado. O discurso do Fórum Social Mundial, sua mensagem, me parece muito interessante, mas eu não sou capaz de organizar um outro mundo possível. A mim, sobretudo, cabe me dedicar à educação, à participação, aos temas sociais. Creio que só se pode provocar outro mundo possível se as pessoas, por meio da cidadania responsável, cada um em seu espaço, em sua cidade, em seu bairro, organizem outro bairro possível, outra educação possível, outra política possível, outra cidade possível. Somando estas pequenas unidades possíveis, podemos provocar um outro mundo possível. José Saramago (escritor português) disse que "não há democracia". Democracia, fundamentalmente, se baseia na participação de todo o povo, não somente dos adultos. Em nível mundial, não só em Fortaleza, a

porcentagem de crianças e adolescentes na população é de 30% a 50%. Em Fortaleza é de 37%. Em Barcelona é de 34%. É muita gente, muita cidadania que não vota, que não participa, que não planeja, que não governa. É claro que com isso se perdem as idéias mais ricas, mais provocadoras de mudança. O adulto não tem as idéias da criança e do adolescente. Às vezes me perguntam, devido ao meu trabalho, se eu sei o que a infância e adolescência do século XXI sentem, pensam. Eu digo que não sei. Eu preciso da participação deles junto a mim para poder aprender e fazer com que eles me comuniquem seus sentimentos e desejos. Há algo grave nisso. A infância e a adolescência não são convocadas, não são desejadas. Se há um congresso de médicos, vamos chamar os médicos; se há um congresso de advogados, vamos chamar os advogados; se há um congresso da infância, as crianças não vão, vamos chamar os adultos que falam, organizam e decidem no lugar delas. O mais grave não é isso, é o que esta ausência provoca no mundo: sociedades "adultocêntricas", privadas do grande capital social, político, educativo que têm as crianças e a juventude. Isso é tão evidente e lógico, mas não é levado em conta.

OP - O senhor coordena um programa, da União Européia, voltado para o combate à violência infantil. Há alguma relação entre a violência praticada pela criança e o adolescente na Europa e em um país como o Brasil?

César Muñoz - A violência tem uma origem internacionalmente comum. A vantagem do meu trabalho é que eu capto, sobretudo, o que é comum, o que une a todos os países e também suas diferenças. E a origem da violência está nisso que eu falei há pouco, que é a linguagem do dia-a-dia. A não participação é fonte de violência, de agressividade. O ser humano não desejado, não escutado, não correspondido, não incorporado, vai gerando, interiormente, violência. É preocupante, em nível mundial, como a violência infantil está aumentando em quantidade e aumentando em menoridade. Há casos de crianças de 7, 8 anos que matam. E cada vez matam mais novas. É por isso que o título de um dos livros que organizei sobre o tema da violência é "Participação na Vida Cotidiana como Prevenção da Violência". Quanto mais participação, menos violência. Em um bairro de Barcelona, fizemos um desenho para um parque, evidenciando a participação da infância no planejamento de um espaço da cidade. A participação deles no projeto, na proposta, provocou orgulho da cidade, orgulho do espaço, ao qual ele cuida, não quebra, não destrói, não invade. Quero dizer com isto que a participação, como prevenção da violência, tem muita relação. Não há muitos canais para que o adulto participe desta "democracia", mas, para a criança, não há nenhum. E isto é um germe contínuo, que, unido a uma educação não potente, de má qualidade, também é um fator provocador de violência. Isto unido a uma situação sócio-econômica que não fornece o mínimo imprescindível, também é um gerador de

violência. Mas, para mim, o fator primeiro e original é a não-participação. Se me perguntarem qual é o primeiro direito de um cidadão, eu digo que é a participação. Ele é a base dos outros direitos, como a educação e a saúde. O ser humano já é participativo desde o seio de sua mãe. Tenho trabalhos feitos com crianças de até 2 anos que evidenciam como, se a educadora que está junto cria um espaço participativo, em um mês ou dois, há uma grande diferença entre as que tiveram e as que não tiveram este espaço. Na hora de viver, não há suplentes. Ninguém pode viver por você ou por mim. Desejo que Fortaleza consolide as plataformas que estão construindo DESDE as crianças COM a colaboração dos jovens e dos adultos.